

O recuo silencioso do mar do tsunami

*Eliseu Raphael Venturi**

Doutor em Direito (Área de concentração: Direitos Humanos e Democracia; Linha de pesquisa: Cidadania e Inclusão Social), pela Universidade Federal do Paraná, UFPR (2019). Mestre em Direito (Área de concentração: Direitos Humanos e Democracia; Linha de pesquisa: Cidadania e Inclusão Social), pela Universidade Federal do Paraná, UFPR (2014). Especialista em Direito Público pela Escola da Magistratura Federal do Paraná, ESMAFE/PR (2011). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Curitiba, UNICURITIBA (2010). Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná, FAP/PR (2006).

 <https://orcid.org/0000-0001-9096-2825>

Recebido em: 08 jun. 2022. **Aprovado em:** 08 ago. 2022.

Como citar esta produção artística:

VENTURI, Eliseu Raphael. O recuo silencioso do mar do tsunami. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 222-223, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8045442>

O ser humano, por algumas características evolutivas que lhe são peculiares – e que não serei eu quem as enunciará – apenas fazendo uso de um universal tão facilitador quanto o discurso, sempre gosta de tratar o fim do mundo e pouco pensa no único fim concreto, que é o fim de si mesmo, sempre ali tão perto, acossado por uma bola de cola no pulmão, hoje em dia tão em alta quando os encarcerados precisam repensar seus prejuízos, morte esta mais tangível do que os vencidos anos 1990, ou pouco depois deles, ou um pouco mais do que um fetiche sobre os velhos. É assim, essa espécie de má consciência muito antiga chama-se um dispositivo de sobrevivência entre outros tantos que, tal como uma coleção sucessiva de colônias de bactérias, nos impõe uma existência como resultado, apenas a evidência de uma assemblagem não planejada, ao invés do desenvolvimento de um ser amorosamente desenhado por um mestre Renascentista qualquer: há tantos. Houve um tempo, não remoto, nada remoto, em que se chorava o encerramento de certas expectativas e isto era frustrante porque se negava justamente um modelo para o qual se houvera sido programada uma formação, basicamente o esforço de anos, leituras, vivências, expectativas. Quantas vezes a História já acabou? Nem sei. Cada casa antiga encerra um fim da História e eu, mais do que nunca, definitivamente, não estou preocupado

*

 eliseurventuri@gmail.com

com historiadores de coisa alguma. Ou analistas, desde os psica até os política até os qualquer outra coisa; eu quero isolamento de gente morta falando sobre morte, se me faço compreensível neste asco. Por outro lado, bem adverso e distante, eu não recolherei notas de cemitério muito menos memórias ritualísticas de conceitos irritantes ou insuficientes, ou quadros presunçosos e, prazerosamente: verdadeiros. Meus livros novos exaltam um bolor insuportável. Como má taxidermia ou erros de museu de cera, como cerâmica crua decadente. Eu não tenho expectativas de restaurar móveis de enchente muito menos devastar qualquer árvore para fazer uma mesa. Porque todas as mesas que usei eram mesas de poeira agregada e todos os pratos em que comemos foram pratos de poeiras agregadas desde o arroz até à palavra. Eu jamais traria ou daria termos de conforto e de consolação. Eu ria da falência dupla das multidões e das iniciativas; de todos os protagonismos e lideranças só se poderia esperar o recuo silencioso. Somos todos um, somos todos iguais, diversos porta-retratos foram exaustivamente preenchidos com recortes de revista. O cenário devastado de todos os perdedores era de uma beleza divina, digo, naturalística, em que todas as carnes viravam apenas tons de roxo, negando-se os carmins fogosos. Finalmente todo erro se converteu em acerto; toda conduta reprovável em expressão de vida jamais retornável, e quando toda a existência se evidenciou em sua plenitude, ainda que de modo atrasado, não havia ninguém para ver, ou aplaudir, ou lembrar. Quero dizer: aquela pedagogia reprovável se mostrou a formação verdadeira e profunda do caráter. Mas, o que importaria o caráter do cadáver se não houvesse mais espaço para as cerimônias? Bem, o que me importava era apenas o recuo silencioso; o recuo silencioso do mar do tsunami.